



GÊNERO

GÊNERO, RAÇA E SOLIDARIEDADE: UM ESTUDO DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DE LÉSBICAS NEGRAS

Regina Coeli Benedito dos Santos

Universidade Federal Fluminense.

E-mail: abicuna@uol.com.br

João Bôsko Hora Góis

Universidade Federal Fluminense.

E-mail: jbhg@uol.com.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo examinar o processo de criação de organizações dirigidas por lésbicas negras na cidade do Rio de Janeiro. Partindo de diferentes fontes, o artigo foi elaborado em torno da hipótese de que tais organizações foram construídas em função de laços de solidariedade construídos entre lésbicas militantes do Movimento Negro, assim como em função da ausência de espaço e do preconceito que elas enfrentaram em tal movimento.

Palavras-chave: raça; lésbicas; sexualidade; movimentos sociais.

Nada foi fácil, nem tranquilo. As portas nós abrimos. Nós empurramos e empurramos com muita força, e continuamos a cada dia que se passa a empurrar mais.

Introdução

Mesmo que com intensidade diferente daquela dos anos de 1980 e 1990, os movimentos sociais ainda continuam estimulando um amplo conjunto de pesquisas voltadas a entender como demandas específicas e demandas por transformações sociais mais amplas são produzidas por diferentes atores coletivos. Assim, em anos recentes, têm sido postas em discussão as formas de intervenção na esfera pública levadas a cabo por trabalhadores rurais, moradores de favelas, populações indígenas, mulheres das zonas urbana e rural, pessoas acometidas por problemas mentais e seus parentes, trabalhadores da saúde etc. Atenção bem menor tem sido dada às intervenções em torno do direito à livre expressão sexual feitas por gays, lésbicas e transgêneros. Objetivando contribuir para a superação dessa lacuna, buscamos neste artigo examinar o processo de organização política de lésbicas negras na cidade do

Niterói, v. 8, n. 1, p. 71-98, 2. sem. 2007 71





GÊNERO

Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras

Rio de Janeiro, a partir da década de 1990. Interessa-nos aqui discutir como tal processo se estrutura, de um lado, a partir de uma lógica de solidariedade entre lésbicas negras, mas, de outro, a partir das experiências e percepções delas sobre o seu lugar subordinado ou ainda o seu não-lugar dentro do Movimento Negro – M.N.– majoritariamente masculino e predominantemente heterossexual.

Os dados para este artigo foram extraídos de dois grupos de fontes. O primeiro deles inclui um conjunto de documentos impressos de diferentes tipos – projetos, estatutos, boletins informativos, recortes de jornais etc. – disponíveis no Centro de Documentação e Informação Coisa de Mulher/CEDOICOM, no Grupo de Mulheres Felipa de Souza e em arquivos pessoais. O segundo é composto pelas entrevistas realizadas junto a homens e mulheres afrodescendentes militantes do Movimento Negro e do Movimento de Lésbicas negras. As falas das/dos entrevistados/as são aqui entendidas como a interpretação possível de eventos dos quais eles e elas participaram de alguma forma. Portanto, as análises delas derivadas estão sujeitas à revisão, negação e complementação a partir da ótica de outros indivíduos – homens e mulheres militantes de diferentes orientações sexuais – que não foram ouvidos sistematicamente para este estudo.

Além da introdução e conclusão, este artigo é composto de duas outras partes. Na primeira examinamos a presença das lésbicas negras dentro do Movimento Negro carioca, enfatizando o modo como elas eram ali tratadas e percebidas. Na segunda parte é discutida a materialização do esforço delas em construir um espaço no qual a homossexualidade negra pudesse ser discutida sem receios e que projetos de combate à lesbofobia pudessem ser implementados.

Mulheres negras lésbicas no Movimento Negro

Diferentes estudos mostram que os negros e negras têm sido politicamente ativos no Brasil desde o período escravista. Ao longo da nossa história, eles têm resistido à violência, à discriminação e à desigualdade social e econômica, seja por intermédio de rebeliões, motins, levantes e insurreições coletivas seja por pequenas, mas significativas, revoltas individuais. A existência dessas formas de resistência se opõe às imagens ainda correntes sobre o seu comportamento, o qual seria marcado pela passividade, infantilidade, incapacidade intelectual e “aceitação tranqüila” da escravidão e da discriminação.

Voltados para o combate ao racismo, já nas primeiras décadas do século XX, surgiram no Brasil jornais étnicos e organizações como a Frente Negra Brasileira que, em maior ou menor grau, advogavam a criação de uma nação que não relegasse a população afrodescendente à uma posição subalterna e que reconhecesse o seu papel na sua construção. O trabalho dessas organizações e jornais, contudo, não se deu destituído de dificuldades – desde limitações operacionais e econômicas até a ausência de uma agenda política mais consistente – que terminaram por fazer com que elas tivessem uma trajetória bastante acidentada.

72 Niterói, v. 8, n. 1, p. 71-98, 2. sem. 2007





Regina Coeli Benedito dos Santos e João Bôsco Hora Góis

Mudanças significativas na forma e no ideário das organizações do Movimento Negro ocorreram na passagem dos anos de 1970 para 1980. Foi então que tal movimento construiu uma agenda mais combativa e confrontacional conseguindo atingir abrangência nacional e assumir uma posição de destaque entre os outros movimentos sociais e políticos da época. O que então se convencionou chamar de Movimento Negro era constituído de cerca de mais ou menos 400 entidades que, sob a pressão política do regime ditatorial, retomaram as antigas lutas desencadeadas pelos afrodescendentes. Foi nessa época que foram criadas diferentes organizações como o expressivo Movimento Negro Unificado (MNU). Foram também criadas algumas instituições semi-acadêmicas – como o Grupo André Rebouças na Universidade Federal Fluminense e o Centro de Estudos Afro Asiático na Universidade Cândido Mendes – e grupos autônomos de pesquisas histórica e cultural como o Centro de Cultura Negra do Maranhão, o Centro de Cultura e Arte Negra em São Paulo, o Grupo Palmares no Rio Grande do Sul e o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras no Rio de Janeiro.

A consciência dos riscos e perigos que estavam enfrentando parece ter contribuído para a construção de algum grau de cumplicidade e solidariedade entre essas diferentes entidades. Isso, por sua vez, motivou e deu força aos militantes para, depois de atuarem em espaços fechados, levarem o seu discurso de auto-afirmação e recuperação da identidade negra para as ruas, favelas, associações de moradores, escolas etc. À medida que se aproximavam os anos de 1990, o movimento negro passou, cada vez mais, a associar esse discurso a uma perspectiva propositiva em termos de políticas públicas. Igualmente, passou a ocupar mais espaços dentro da máquina estatal, tradicionalmente considerada um dos inimigos a serem combatidos.¹ Nesse processo de mudança, qual o local destinado às mulheres negras e à discussão sobre o feminino e sobre a orientação sexual?

Já no início dos anos 1990, as mulheres do M.N. do Rio de Janeiro avançavam na construção de fóruns nos quais os seus problemas específicos eram discutidos. As questões que as preocupavam incluíam desde denúncias sobre a esterilização em massa de afrodescendentes até a montagem de estratégias de intervenção em fóruns como a ECO-92 (VVAA, 1991).

Similarmente, as lésbicas negras também iam construindo, mesmo que timidamente, uma agenda própria. Contudo, nossas entrevistadas ressaltam que elas, e as militantes negras em geral, encontravam dificuldades em obter apoio da maioria masculina que ocupava as diferentes posições de mando dentro do Movimento Negro. Esse diagnóstico remete à conclusão – dolorosa para algumas delas –, de que este movimento também acalentava e propagava mecanismos de dominação de outras minorias, a exemplo das minorias sexuais.

¹ Para um maior conhecimento sobre a história do Movimento Negro no Brasil cf., dentre outros, Cardoso (2002); Hanchard (2001); Gomes (2005) e Moura (1989).





Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras

O *status* de agente de mudança social possivelmente contribuía para que o preconceito no M.N. se expressasse de modo velado. Isso permite pensá-lo, ironicamente, como portando traços daquilo que Barbosa (1992) denominou de “racismo à brasileira”, ou seja, uma forma de incorporar que simultaneamente exclui e que discrimina sem permitir ao discriminado identificar de forma clara e imediata a ação do preconceito. Uma das entrevistadas refere-se a esse processo na seguinte narrativa:

De uma forma cínica como o racismo, que eles falam que é velada, essa forma de discriminação também é velada. Espera você sair para falar mal de você, não tem um enfrentamento, não parte para uma discussão clara e concisa com você. Quando você sai é que a coisa é jogada, que eu acho que é a pior forma que tem de discriminação. Na conversa você se sente aceita, você se sente acolhida, mas aquilo tudo é falso. Quando você vira para trás, aí você vai saber o que foi falado. Tem sempre alguém que chega para depois contar. (risos)

O preconceito, contudo, nem sempre se manifestava de forma subliminar. As entrevistadas relataram a constante desqualificação das homossexualidades manifesta em expressões extremamente grosseiras como: “negro viado é maluco, ou foi criado por família branca e ficou safado”; “mulher sem marido é vaca ou sapatão”; “no meu navio negreiro não veio nenhum viado”.

Veladas ou explícitas, as percepções sobre as lésbicas (e as formas de discriminação daí derivadas) definiram, em grande medida, suas possibilidades de articulação política no interior do Movimento Negro. Que percepções são essas e como elas se associam para constituir uma imagem das lesbianas em geral e das lesbianas negras, em particular, como pessoas inferiores e socialmente reprováveis é o que discutiremos nas próximas seções.

Percepções e práticas discriminatórias contra as lésbicas no Movimento Negro

As percepções sobre a experiência lésbica

Percepções negativas sobre as lésbicas – degeneradas, pecadoras, loucas, imorais etc. – foram construídas ao longo do tempo por vários agentes – religiosos, médicos e jurídicos, principalmente – e amplamente disseminadas entre a população por intermédio de diferentes instrumentos. Além de prover uma caracterização sobre corpos e atividades que escapavam e punham em xeque a unicidade da experiência sexual heterossexual, essas percepções também orientavam a tomada de medidas voltadas à sua profilaxia, ao seu controle e à sua punição.

As punições podiam/podem ser precedidas de métodos mais ou menos sofisticados ou mais ou menos institucionalizados de investigação e comprovação, os quais incluíam/incluem desde a denúncia de vizinhos até a ação de comitês legislativos como aquele instituído no estado americano da Flórida na década de 1950, o qual tinha

74 Niterói, v. 8, n. 1, p. 71-98, 2. sem. 2007





como uma das suas missões identificar a presença de lésbicas no sistema oficial de ensino. Operando sob os temores da Guerra Fria, o comitê caracterizou o lesbianismo como um elemento subversivo que punha em risco a ordem e os valores americanos. Os documentos por ele produzidos aludiam à suposta tendência das lésbicas de assediar crianças e adolescentes, o que justificava as medidas de exclusão delas das escolas. Equalizado ao comunismo, o lesbianismo era considerado mais um inimigo a ser extirpado. Durante os anos de sua existência, o comitê interrogou dezenas de lésbicas e “incentivou” a demissão de várias (BRAUKMAN, 2001). Embora situações como essa possam ser associadas por alguns a um passado mais remoto, não são poucos os casos contemporâneos que a elas se assemelham. Em muitos deles a lesbianidade de professoras torna-se o mote para acusações sobre o suposto exercício de atividades criminosas. É o que fica evidente em um caso ocorrido na Universidade da Califórnia, onde a exposição de trabalhos artísticos de caráter erótico no curso ministrado por uma docente lésbica foi entendida (e denunciada) como apologia à pedofilia (LORD, 2003).

A raça é um fator relevante nessa discussão uma vez que constitui um “agravante” em relação a uma orientação sexual já vista como desviante.² Freedman (1996), no seu estudo sobre a presença de lésbicas no sistema correcional americano na primeira metade do século XX, destaca que tal presença foi amplamente ignorada por muitos anos e que, quando finalmente tornou-se objeto de preocupação das autoridades, era examinada como um problema das detentas negras já que a sua manifestação entre as brancas era supostamente episódica e temporária. Referindo-se aos documentos compulsados para a produção do seu estudo, ela diz: “Os relatos geralmente representavam as mulheres negras como masculinas ou agressivas e suas amantes brancas como mulheres femininas ‘normais’ que voltariam a ter relações heterossexuais assim que saíssem da prisão.” (p. 3) Uma vez que o lesbianismo era considerado uma patologia, a sua vinculação mais forte com as negras servia para racializar a doença e culpabilizar as afrodescendentes pela sua suposta expansão em um contexto de mudanças das regras familiares tradicionais.

No caso do Brasil, as referências nos livros médicos e jurídicos escritos até a metade do século XX ao lesbianismo eram esparsas e assentavam-se em pressupostos os mais preconceituosos sobre as mulheres negras – masculinizadas, “fortes como homem”, insaciáveis etc. –, elemento característico de uma leitura extremamente racializada do “perigo sexual” posto pelas “adeptas do safismo”. Comentando um desses livros, James Green (2000, p. 212-3) diz que

em numerosas ocasiões, o autor afirma que a pessoa em questão, denominada apenas E.R., é “doente”. Fica-se com a impressão de que sua aversão a essa mulher tinha a ver

² Embora o desvio da norma heterossexual compulsória seja considerado uma conduta acintosa para mulheres de diferentes grupos raciais, as expectativas de um desejo sexual dirigido (e mais disponível) para os homens recai de modo mais acentuado sobre as negras. Erigidas na imaginação nacional como produto típico de consumo interno e de exportação das delícias (hetero) sexuais brasileiras, a lésbica negra parece ainda mais “estranha” e anormal do que a branca.





GÊNERO

Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras

com o fato de que ela despididamente se travestia, assumia uma identidade masculina convencional e buscava agressivamente parceiras sexuais femininas. Se, por um lado, E.R. não era acusada de nenhum delito criminal, o fato de ser negra mereceu destaque. Seus dois retratos estão colocados de maneira proeminente no texto, e ela é descrita com referência à sua raça inúmeras vezes. É dito que ela gostava apenas de mulheres brancas. Sendo este um dos poucos exemplos de homossexualidade feminina retratados pelos médicos do período, a ênfase posta em sua raça transmite a mensagem subliminar que liga pessoas de pele escura e perversão.

A produção atual de descrições negativas sobre as lésbicas, negras e brancas, principalmente as mais masculinizadas e pobres, é assegurada por um amplo conjunto de instrumentos de reprodução das normas de gênero. Eles ocupam-se da contínua reinserção em nosso imaginário de um padrão hegemônico de condutas de gênero e de orientação sexual, da afirmação da sua compulsoriedade e da marginalização das expressões que dele se diferenciam. O cinema – um desses instrumentos – vem contribuindo significativamente para isso. Produções americanas, de ampla penetração no Brasil, têm servido para reafirmar que, por exemplo, o universo lésbico é unicamente marcado pelos signos da violência, crime e fins trágicos.³ Em *Monster: desejo assassino*, a vida da personagem principal materializa simultaneamente tais signos. Prostituta, moradora de rua e lésbica “recém-convertida”, Aileen é uma *serial killer* atormentada por sua história pessoal de abuso sexual e solidão. O seu encontro com Selby, lésbica em conflito com a família, não a conduz a uma situação econômica ou emocional mais estável, apesar das suas tentativas. Ao contrário, é a partir daí que ela comete uma série de assassinatos pelos quais é condenada à morte pela justiça americana. As associações entre lesbianismo, crime e morte, aparecem também em *Até as últimas conseqüências*, no qual a rapper Queen Latifah representa o papel de Cleo – uma lésbica negra masculinizada – que lidera um grupo de mulheres negras que decidem assaltar um Banco do qual faz parte a sua namorada, esta bem feminina. Ambas, ao final do filme, são mortas no confronto com a polícia.⁴ A forma como as lésbicas eram vistas e as barreiras que elas tiveram que enfrentar no âmbito do Movimento Negro, em alguma medida, estiveram relacionadas a percepções como essas – desestabilizadoras, violentas e por demais transgressoras – e com as práticas discriminatórias vinculadas a essas percepções. Como as discriminações geralmente

³ Filmes brasileiros também têm contribuído para a consolidação dessa imagem, como bem demonstra o trabalho de Moreno (2001).

⁴ Nos últimos anos, descrições que não patologizam o universo lésbico têm-se tornado comuns. Contudo, deve-se lembrar que elas se apóiam na invisibilização e crítica a determinados subgrupos que compõem tal universo. Como foi demonstrado por Góis (2002), a emergência de um discurso nas mídias sobre uma lésbica feminina, com profissão estável, bem-sucedida etc., e, portanto, socialmente mais aceitável, se deu ao passo em que se eliminou qualquer referência à figura tradicional do “sapatão” a qual passou a ocupar, quando muito, espaço nas colunas policiais ou referidas a situações catastróficas em diferentes jornais. Cabe, também, destacar que esse “novo” discurso tende a eliminar do lesbianismo o seu conteúdo mais explicitamente sexual – o que inclui até mesmo beijos mais calorosos – projetando uma orientação sexual a qual aparentemente existe sem desejos eróticos. Igualmente, as mudanças nas imagens difundidas sobre as lésbicas têm, em parte, estado associadas a figuras de grande renome e com forte presença na mídia. Nesses casos, a suposta aceitação – às vezes glamourização – da homossexualidade feminina pode ser muito mais uma estratégia de marketing do que, necessariamente, evidência de redução do preconceito. Por fim, esses novos discursos têm amplamente investido na refuncionalização do erotismo lésbico como objeto de consumo sexual masculino (LERCHER, 2004; GIBSON, 2004; JENKINS, 2005).





Regina Coeli Benedito dos Santos e João Bôsko Hora Góis

se associam, elas também tiveram de enfrentar o machismo que atingia a todas as mulheres que ali militavam.

A associação entre lesbofobia e machismo

O machismo dos homens se expressava de diferentes formas, mas, em geral, partia de um pressuposto comum: o de que às mulheres cabia somente desempenhar papel figurativo e desenvolver atividades ditas “femininas” no dia-a-dia do movimento. A recusa delas em assumir tal papel era recebida por eles com um grau significativo de agressividade e desconfiança em relação ao seu “caráter” como pessoa, como negra e como militante. Tal qual salientou uma entrevistada: “As mulheres tinham o direito de ficar fazendo número. Eu era muito combativa e falava muito, por isso muita gente tinha raiva de mim. Tinha gente que me mandava calar a boca”.

As dificuldades de participação e as limitações de acesso das mulheres ao poder não constituem um fenômeno recente no M.N. Estudo sobre a Frente Negra Brasileira, organização que funcionou entre 1931 e 1937, mostrou a circulação em seu interior de idéias bastante tradicionais sobre “o lugar” e o “papel” da mulher em geral e da mulher negra em particular. Reproduzindo as expectativas sociais mais amplas sobre os papéis de gênero, a Frente supunha que elas eram mais dóceis e emotivas e que deveriam permanecer em casa gerando as condições domésticas para um desenvolvimento saudável da vida familiar. Essas idéias são consistentes com o fato de que, embora correspondessem a um significativo percentual do número de membros da organização, as mulheres detinham ali tão pouca capacidade decisória (DOMINGUES, 2007).

[...] uma avaliação mais rigorosa da FNB central aponta que as mulheres eram subalternizadas na entidade e alijadas dos cargos das instâncias decisórias, os quais eram monopolizadas pelos homens. Nenhuma das frentenegrinas, por exemplo, compôs o “Grande Conselho” (instância máxima da FNB) [...]. As mulheres ocuparam um papel que muitos interpretavam como subsidiário. [...] todos os organismos que lhes eram reservados realizavam aquelas atividades que os homens consideravam de menor relevância: as recreativas e as de assistência social (DOMINGUES, 2007, p. 358).

Esse não é um fenômeno privativo do Movimento Negro, contudo. Como têm demonstrado pesquisadoras feministas, as hierarquias de gênero presentes na sociedade como um todo, inclusive aquelas relativas ao acesso ao poder institucional, tendem a se reproduzir dentro de diferentes movimentos sociais. Neles, as mulheres têm visto ser ratificadas as idéias de que elas são mais aptas à ação assistencial ou ao desempenho de atividades menores, mas nunca àquelas que envolvem as decisões importantes. Mesmo movimentos que invocavam a necessidade de mudanças sociais radicais não traduziam, na prática cotidiana, o ideal da igualdade de gênero. Bastos (2007), no seu estudo sobre a participação feminina em organizações da esquerda revolucionária brasileira, demonstra como o acesso aos espaços decisórios era muito mais difícil para as mulheres. Além disso, poucas eram chamadas para atuar nas



GÊNERO

Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras

ações consideradas essenciais – as ações armadas, por exemplo –, sendo para elas reservadas as atividades acessórias.

Apesar da “suposta” igualdade entre homens e mulheres nas organizações, os depoimentos mostram a superioridade hierárquica dos homens, além das posições machistas de alguns em relação à ocupação de cargos de direção por mulheres. Em um congresso organizado pela Dissidência da Guanabara, um militante argumentou que Vera Sílvia era uma mulher muito “instável” para integrar a cúpula da organização, pois era muito namoradeira e possuía vários parceiros. Ela questionou o julgamento do companheiro argumentando se os homens também não poderiam ser considerados “instáveis” por também terem tal comportamento. Para os homens era aceitável, mas para as mulheres não. Era difícil ser respeitada e valorizada intelectualmente, ainda mais se possuísse um comportamento desviante (p. 12).⁵

As percepções e dificuldades acima apontadas refletem a idéia, cristalizada em nossa sociedade, sobre a existência de uma essência feminina, a qual tem como corolário a certeza de que a realização das mulheres como seres humanos passa necessariamente pela “maternidade responsável”. Não casualmente uma das entrevistadas destaca que uma das objeções à participação delas no Movimento Negro era o receio de que seus filhos fossem negligenciados.

– Uma vez, um companheiro chegou para mim e disse assim: “Você vem aqui sempre. E seus filhos, quem é que toma conta de sua casa? Nessa altura, você tem uma negra que toma conta de sua casa.” Então, eu disse assim: “E você, que vem aqui sempre? Quem é que toma conta de seus filhos?”

– Não, quem toma é a minha mulher. Mas ela é minha mulher.

– Então ela pode ser escravizada?

– Eu não vou deixar a minha mulher ficar andando com você.

O “descuido” com as atividades maternas ou a não procriação dava espaço para uma outra indagação no M.N: seriam as lésbicas negras militantes mulheres “verdadeiras”?

Quando a gente começou a luta pela revisão da laqueadura tubária, outros companheiros disseram assim: “O que elas têm com isso se elas são lésbicas?” Porque a gente é lésbica deixou de ter xereca (gargalhadas), deixou de ter trompa de falópio, deixou de ter tudo, entendeu? “O que elas têm com isso, você não acha esquisito? Você não acha esquisito elas encabeçarem essa discussão, uma vez que são lésbicas?” E não eram todas lésbicas, eram três ou quatro, as outras não. Era uma proposta para o Brasil, como um todo, e a gente estava tratando da saúde da mulher. Você vê a que ponto chega a ignorância. Por isso, digo que pérolas a gente ouviu muitas.

A “indagação”, nos termos da citação acima, sobre o “sexo real” das militantes faz eco com fantasias correntes sobre o corpo homossexual, seja masculino ou feminino, como bem identificaram Góis et cols. (2003) em pesquisa junto a um

⁵ Esse processo guarda muitas semelhanças com o que ocorreu em organizações similares de outros países latino-americanos, como bem mostram os estudos de Melo (2007); Garrido; Schwartz (2007); Urrazaga (2007).





Regina Coeli Benedito dos Santos e João Bôsco Hora Góis

segmento profissional da área da saúde. Ali, eles se depararam, por exemplo, com respondentes que supunham que travestis podiam ter fisiologia e anatomia distintas de pessoas heterossexuais. Tal indagação também pode ser vista como parte das estratégias de desqualificação pela zombaria a qual constitui uma ferramenta há muito utilizada para conter o protagonismo feminino. Em seu uso, geralmente tem estado presente uma crítica aos esforços das mulheres de romperem com as fronteiras tradicionais de gênero e as supostas conseqüências que isso traria para o exercício das funções ditas femininas. A zombaria das mulheres e os epítetos que tradicionalmente as acompanham – feiúra, pouca inteligência etc. – não têm sido um instrumento privativo de indivíduos ou grupos conservadores, pois, mesmo libertários dela, fizeram uso da mesma para opor-se às demandas femininas em geral e às feministas em particular. Os editores do Pasquim – um dos principais jornais brasileiros de oposição à ditadura militar – constituem um bom exemplo dessa tendência (SOIHET, 2005).⁶

A sexualidade lésbica: incompletude e perigo

Se dúvidas eram levantadas sobre a anatomia do corpo das lésbicas, não é surpreendente que a sexualidade delas também fosse percebida como de uma natureza diferente por ser, dentre outras coisas, “incompleta”. A idéia de incompletude, presente entre os homens entrevistados, ancora-se em um dos eixos mais estruturados do sistema de gênero hegemônico. Nele, é central a convicção de que a experiência sexual feminina adquire sentido apenas quando da presença de um homem e seu pênis.⁷ Nesse sistema, experiências eróticas entre mulheres não são vistas como tendo valor ou significado em si mesmas; constituem apenas “uma brincadeira”. Ao mesmo tempo, são também percebidas como um elemento estimulador dos desejos masculinos os quais lhes conferem legitimidade. Evidências empíricas dessa discussão foram expostas por Cunha (2004) em seu estudo sobre um cinema voltado para a exibição de filmes pornográficos. Nesse cinema, presumidamente domínio de homens heterossexuais, estão (aparentemente) interditas expressões do desejo homoerótico. Mas apenas quando envolvem dois homens. Ainda que gays freqüentem o cinema, aos filmes pornográficos dirigidos a eles é destinado uma posição secundária no rol das películas a serem exibidas, as quais, quando o são, ficam localizadas na rubrica

⁶ As confusões e idéias extremamente conservadoras sobre a homossexualidade feminina e sobre o corpo lésbico negro não eliminavam que esse se tornasse objeto de desejo dos homens militantes do M.N., ainda que um desejo em relação a um corpo que era percebido como plenamente descartável; que podia ser erigido a objeto de disputa, mas apenas na medida em que ratificava a capacidade masculina de capturar um feminino que se recusa a aderir às normas de conduta sexual dominantes.

⁷ Um elemento adjacente a essa idéia é que a experimentação sexual livre e fora das relações conjugais é privativa dos homens. As mulheres – lésbicas e heterossexuais – estão cercadas pelos constrangimentos sociais que as impedem de ter pleno conhecimento dos seus corpos e desejos sexuais. Os homens, em alguma medida, também sofrem disso, mas eles, como destaca Hollibaugh (1997), ao menos “têm o direito de ter interesse e de agir sobre seus próprios desejos e prazeres. Os rapazes não são punidos por mostrarem curiosidade sexual ou, uma vez que se supõe que eles são os que devem conduzir a transa, por aprenderem a como fazê-lo. Para as mulheres esse campo é rigidamente limitado e para as lésbicas ele parece ser vazio”. (p. 329)





GÊNERO

Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras da exceção e do exótico. Já os filmes com cenas lésbicas assumem uma outra função e possuem um *status* superior uma vez que

não ameaçam a identidade ou fachada heterossexual do cinema [...] A homossexualidade feminina é transformada em fetiche masculino e participa da configuração “hétero” do local. A partir de entrevistas com freqüentadores, foi possível perceber também que o lesbianismo é representado como uma prática sexual leve, ingênua e meiga. [...] A presença masculina no ato sexual aparece como a grande demarcação do que seja o “sexo real mesmo”, como afirma um espectador: “o que as mulheres fazem não é sexo, é masturbação. Sexo mesmo é quando entra o homem” (CUNHA, 2004, p. 59).

À idéia de incompletude do erotismo entre mulheres presente na fala dos homens entrevistados para este artigo, associa-se uma outra característica atribuída a ele: o caráter ocasional. Isso, ao seu turno, pressupõe que o lesbianismo é algo temporário; que pode ser revertido uma vez superadas as causas – geralmente, supõe-se, associadas a relações heterossexuais mal-sucedidas – que levaram uma dada mulher a buscar a companhia e gratificação sexual com outras mulheres. É o que fica evidente nas falas de dois dos homens do M.N. entrevistados.

[...] As pessoas às vezes falam assim: “O que tem de ser, é mesmo”. Mas existe outro fato, da mulher mal-amada, da mulher maltratada, da mulher mal-ouvida, da mulher mal-isso, da mulher mal-aquilo, que acaba se auto-rejeitando. “Afim de contas, eu sou mulher ou não sou? Por que eu fui mal-amada”, entendeu? Tem uma incompreensão em determinado momento que leva a buscar esse elemento, por exemplo, a mulher mal-amada. Ela vai buscar a recuperação com outro homem? Não vai, porque ela está assustada. Ela vai chegar ali e vai pensar: “Esse cara vai fazer a mesma coisa”. Se ele disser vamos tomar isso, vamos fazer aquilo, ela vai dizer: “não, eu não vou; porque o outro fez a mesma coisa.” Ela não vai cair nesse buraco. Ela vai buscar outro sentido, em um outro segmento, e acaba ficando. Ali ela encontra amparo, encontra afago. Essas mulheres mais idosas tiveram relações com homens.

[...] Na verdade, se nós homens déssemos um tratamento mais adequado a determinadas mulheres, essas coisas não aconteceriam. Acho que a necessidade não era sexual. O envolvimento partiu pela caracterização de que a gente estava naquele processo de homens machistas, homens dominadores. Estávamos sempre envolvidos com duas, três mulheres, ou outras questões.

Esse tipo de diagnóstico, mais uma vez, recupera clássicas descrições da lesbiana enquanto um subproduto das desilusões amorosas e reduz a experiência lésbica ao campo restrito das práticas sexuais. Uma das mulheres entrevistadas narra como essa percepção foi por ela vivenciada

A partir do momento que eu falava que era lésbica, eu era vista como aquela mal fudida, porque eu não havia encontrado um negão para me fuder direito. Considero que, por mais que nós, mulheres negras lésbicas, estejamos num processo de construção de uma homossexualidade negra, de verbalizar tudo isso, ainda há muitas pessoas do movimento negro que não nos toleram. Ainda há muita dificuldade de nos aceitarem enquanto uma identidade sexual diferenciada da deles.





Lesbianismo: perigos físicos, morais e demográficos

As percepções da lesbianidade como algo incompleto, ocasional e fruto da amargura formam um mosaico do qual também fazem parte as associações do homoerotismo feminino com diferentes tipos de perigo, a exemplo dos danos à saúde. Em anos recentes tal associação foi bastante discutida devido, em parte, às medidas educacionais tomadas em diferentes países para proteger as lésbicas da infecção do hiv/aids. Nos Estados Unidos, por exemplo, um amplo debate emergiu em torno da publicação de um manual que dava informações sobre sexo vaginal entre duas mulheres. Setores ligados à direita organizada protestaram fortemente contra a publicação e buscaram associar certas práticas – a introdução dos dedos de uma mulher na vagina da sua parceira – a danos irreparáveis à saúde feminina e mesmo à morte (HOLLIBAUGH, 1997). Não cabe aqui reproduzir todos os termos do cáustico debate que se travou em torno disso. Contudo, é útil dizer que ficou, ali, perceptível que a polêmica em questão se inseria em uma ampla estratégia de desqualificação social das lésbicas ao mesmo tempo em que, com ela, buscava-se fazer frente ao temor do risco de desequilíbrio que a sexualidade delas pode introduzir nos sistemas de gênero: risco da prescindibilidade do homem e risco de que uma sexualidade prazerosa possa ser experienciada sem o falo (e tudo que isso traz em termos de incerteza sobre o seu lugar e importância).

Cabe destacar um outro tema freqüente quando se discute o “perigo” associado com as lésbicas e com os homossexuais em geral: a corrupção de crianças. A idéia do homossexual como pedófilo tem estado no centro de uma série de medidas de contenção do abuso sexual contra crianças. Tais medidas, contudo, falham em reconhecer que a esmagadora maioria dos casos de pedofilia se dá entre pessoas do sexo oposto, muitas das quais mantêm entre si vínculo consanguíneo. O temor à figura da lésbica pedófila assume uma coloração mais forte quando nele está pressuposto, como no caso aqui estudado, que esse comportamento pode levar a um processo de “conversão” em massa o qual, no final, produziria um déficit de mulheres heterossexuais. Esse tipo de “fantasia demográfica” esteve presente em depoimentos coletados nesse estudo como aquele de um dos homens entrevistados que se disse preocupado com o número crescente de negras lésbicas: “É uma coisa inexplicável. Pôxa, já pensou essa mulherada toda lésbica por aí (risos)? Como é que vai ficar? Não vai sobrar ninguém pra gente.”

As lésbicas em questão eram também vistas como sedutoras e, de fato, muitas o eram. Contudo, isso não é dito pelos homens entrevistados entendendo a sedução como um processo natural de busca de afetividade e sexo. A ela são acoplados traços maquiavélicos que se associam à malícia – um outro perigo – na corrupção das mulheres ditas “normais”.

[...] Quando elas se juntaram nessa coisa do avanço, tinha em alguém o fomento da sedução. Isso tudo forma um processo um tanto ou quanto psíquico, que levou a aceitar outra mulher. Por exemplo, um processo de sedução entre elas era o seguinte: “Fulana, o que você



GÊNERO

Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras

vai fazer amanhã? – Ahhh!!!! eu não sei, não. – Terminado o trabalho, dorme aqui mesmo”. A parada era muito dessa. “Já é meia noite, você não vai para casa”. A mal-intencionada já fazia com que, a partir dela, a outra tivesse todo o aparato, que tivesse toda uma sedução mesmo. Independentemente daquela sedução do corpo, por enquanto. É aquela sedução do lar, aquela sedução de que você está amparada, e isso foi gerando, foi aumentando e aumentando e aí os caras não se cuidaram, entendeu?

Esses receios sobre o perigo do comportamento lésbico-negro se associavam a outra inquietação causada pela ruptura das condutas – discretas e passivas – esperadas das mulheres. Assim, à sexualidade desviante e perigosa somava-se a indiscrição, talvez um dos mais fortes elementos desencadeadores da contestação da presença lésbica no movimento negro. Como destaca Bray (1996), historicamente, o silêncio foi um grande aliado das lésbicas. Ainda que pela via do não reconhecimento da sua existência, foi o silêncio que lhes proporcionou, por séculos, segurança e espaço para as suas interações. Mesmo hoje, como afirmamos antes, a suposta aceitação das relações amorosas entre mulheres depende, em grande parte, da invisibilização dos seus desejos sexuais. As lésbicas ativistas não se dispunham a isso, o que parece ter sido lido por seus companheiros do Movimento Negro como uma transgressão indesculpável, como sugere a fala de um antigo militante.⁸

Cresceu muito rápido essa coisa do assédio, e elas não tentaram esconder. Antes se auto-revelaram, e estão aí assumidas. Eu acho que em determinado momento elas até faltam com o respeito [...] não são todas. Elas faltam com respeito na questão do assédio a sua própria companheira, irmã, parceira lutadora de tantos anos. Tudo bem, respeitamos a sua questão sexual, mas acho que elas também têm que respeitar, e cada pessoa ter a sua redoma de atuação. Se você estiver em determinado momento que não é para isso, a gente percebe no olhar quando esse olhar é ganancioso. Mas elas não. Como eu posso dizer isso? Elas não evitam demonstrar o seu olhar ganancioso. De vez em quando eu as escuto comentar entre si sobre o que está se passando, o que naquele momento está rolando, como está, como não está.

Nesse ponto de nossa discussão, vale a pena apresentar uma outra percepção corrente sobre as lésbicas e homossexuais em geral: a de que eles são pouco confiáveis como familiares, profissionais e companheiros de luta. O espaço desse artigo não permite uma ampla elaboração desse tópico. Contudo, vale a pena avançar nessa discussão a partir da exposição de uma das evidências mais bem documentadas na literatura sobre a crença na inconfiabilidade de gays e lésbicas e as conseqüências práticas daí advindas: a perseguição aos homossexuais no serviço público americano. Embora a demissão com base na orientação sexual fosse algo antigo nos Estados Unidos, somente a partir da Guerra Fria ela adquiriu maior relevância e se expandiu de forma significa-

⁸ Esse incômodo com a indiscrição nos remete a uma outra percepção sobre o comportamento homossexual: a de que gays e lésbicas podem e devem se heterossexualizar nas interações sociais mais amplas, seja no vestuário seja na forma de andar, seja no tom de voz. Assim como as outras percepções, essa também tem implicações práticas em diferentes áreas. No campo legal, por exemplo, ela tem servido de base para justificar a negação de asilo político a pessoas perseguidas por sua orientação sexual uma vez constatado que a perseguição só ocorre porque as vítimas não se esforçam o suficiente para tornarem a sua homossexualidade invisível aos olhos dos violadores. (KENDALL, 2003)





tiva. A partir daí, a legislação federal daquele país forneceu cada vez mais justificativas para a demissão e para a recusa de contratação de homossexuais nas agências civis, particularmente naquelas que manuseavam informações confidenciais que pudessem pôr em risco a segurança nacional. Os programas de segurança no serviço público implementados na administração dos presidentes Truman e Eisenhower terminaram gerando mais demissões de homossexuais do que de comunistas. Essas demissões foram motivadas menos por fatos e conclusões e mais por tradicionais construções sobre as classes “moralmente perigosas” às quais era e é comum atribuir características negativas como desonestidade, covardia e falsidade (LEWIS, 2001). Essas idéias parecem ter também modelado a rejeição à presença ativa das lésbicas no M.N. e o mal-estar que elas ali sentiam. Supostamente pouco confiáveis, receava-se que elas viessem a traí-lo e, quem sabe, levá-lo à desagregação. Esse receio, em parte, pode ser associado ao modo como elas iam tentando influenciar no desenho da sua agenda.

Divisionistas e oportunistas: dilemas em torno da agenda do Movimento Negro

Logo de saída há que se destacar a existência de um óbvio contraste entre as agendas de homens heterossexuais e mulheres lésbicas do M.N., ainda que, obviamente, os pontos em comum fossem inúmeros. O universo de interesses dos homens não incluía questões emergentes – como a aids, que já afetava maciçamente a população afrodescendente –, com as quais elas já se preocupavam. Igualmente, segundo as entrevistadas, o movimento negro tendia a subestimar um conjunto de questões cruciais para as lésbicas negras as quais eram vistas como menores. Por fim, há que se salientar a percepção da predominância de um tipo de racionalismo materialista que obstaculizava a reflexão sobre a dimensão subjetiva da experiência humana e o ingresso das eventuais questões daí derivadas na agenda do M.N. Uma das entrevistadas resume bem esse diagnóstico ao destacar que

[...] o mais complicado dentro do Movimento Negro é a não discussão da homossexualidade, não só a feminina, como a masculina. O Movimento Negro não discute aids, o movimento negro não discute do pescoço para baixo, o Movimento Negro é um movimento de idéias. As mulheres negras é que saem desse campo e começam a discutir saúde, sexualidade. As mulheres negras [...] é que vão discutir como é que está a saúde da mulher negra, como é que está a saúde integral da mulher negra, é que vão discutir mioma, câncer do colo uterino, e não sei mais o quê. Os homens negros, duvido que vão discutir o problema da próstata, estão todos pegando câncer. E os homens negros não sabem que podem ter câncer de mama. Não sabem porque eles não discutem. Eles só discutem o campo das idéias. Eles são os iluminados. Aí você vê uns deles tendo derrame, alguns deles tendo ataque do coração, alguns dele no alcoolismo brabo.

O receio masculino quanto à participação lésbica mais plena no Movimento Negro aumentava quando se percebia que tal participação poderia levar à formação, no seu interior, de subgrupos que se ocupassem de dimensões específicas do racismo, a exemplo das suas intersecções com o sexismo e a homofobia. Em situações como



GÊNERO

Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras

essa, a tradicional acusação de divisionismo aparecia como um mecanismo utilizado para refrear aquela formação.

Havia muitas dificuldades para as mulheres negras, porque o território era absolutamente masculino e machista. Eles tomavam as rédeas e davam as diretrizes totais do movimento. Bastante dificuldade, dificuldade de todas as formas, até de marcar reuniões, até de nós nos definirmos enquanto grupo. O que se dizia era que nós tínhamos de formar um bloco negro, e que não deveríamos separar o homem negro da mulher negra. Eles definiam no machismo deles, perverso, que haveria uma ruptura se nos separássemos e criássemos um grupo de mulheres dentro do movimento.

Tal acusação, entretanto, refletia muito mais os receios de alteração no (des) equilíbrio de poder que, claramente, favorecia os homens, receio esse que aumentava, na medida em que eles reconheciam que as mulheres estavam em franco processo de empoderamento. As entrevistadas refutam veementemente a acusação de divisionismo. Uma delas ressalta que

as mulheres negras, generosas como são, não se apartaram do Movimento Negro em nenhum momento [...] Mas até quando eu vivi essa experiência as mulheres negras faziam questão de dizer nós somos Movimento Negro, quer dizer a aliança principal era com o Movimento Negro, portanto o homem negro nunca esteve apartado dessa aliança.

O medo da divisão interna gerada pelo empoderamento das lésbicas e a oposição à sua agenda específica eram ainda justificados ao se atribuir a elas um outro adjetivo pejorativo: oportunistas. Um dos entrevistados fala disso ao reclamar do contínuo afastamento das negras lésbicas do convívio dos outros militantes, que deles somente se aproximavam quando percebiam a necessidade de angariar apoio.

As mulheres que iniciaram (risos), vamos dizer assim, esse comportamento, elas realmente se afastaram da gente. Elas se afastaram literalmente. Nós só estávamos presentes para elas na questão da discussão, como se fôssemos um abre-alas, porque o restante elas queriam acertar, o restante elas resolveriam.

À pecha de oportunistas adiciona-se a queixa de um dos entrevistados sobre um suposto sectarismo por parte das lésbicas negras. Não se trata aqui de dizer que elas não possam mesmo ter se isolado. Contudo, é possível enxergar nesse isolamento uma forma legítima de buscar a formação de uma identidade coletiva e de unir forças em torno de demandas comuns. Mas não é sob essa perspectiva que o gregarismo delas era avaliado.

Era o nosso grupo e o grupo delas, aí você vê que distanciou. Aí se percebeu que existia alguma coisa errada. Nas rodas dos homens, os comentários eram: "Está sabendo que Joana está com a Nair?" Você está vendo, mudou até a postura. Aí, você começa a observar e é verdade. E quando a gente chegava com uma forma carinhosa de tratar, a gente sentia que não estava sendo bem recebido, conforme era antes. Nesse momento foi que eu vi o início da mudança. Daí por diante vieram surgindo outras, né? Elas realmente conseguiram (muitos risos) fazer um quartel-general, um exército. Um exército que fez essa coisa

84 Niterói, v. 8, n. 1, p. 71-98, 2. sem. 2007





Regina Coeli Benedito dos Santos e João Bôsco Hora Góis

de hoje. Hoje você vê grupos e mais grupos, né? Têm grupos e mais grupos formados e encabeçados por elas.

Dentro desse contexto, no qual o machismo predominava, torna-se pouco surpreendente a presença de barreiras que interferiram todo o tempo nos esforços organizativos das mulheres entrevistadas. Em função disso, elas tiveram que, muitas vezes, se movimentar dentro de limites muito estreitos e foram afetadas por sentimentos de isolamento e solidão nos momentos nos quais tentavam fazer avançarem as suas lutas. Uma delas salientou essa questão quando se reportou ao preconceito dos homens do M. N. quando da realização do I Encontro de Mulheres Negras.

[...] É então que a gente percebe que a coisa não engrena bem. Quando as mulheres gritam pelo aborto, cadê o Movimento Negro junto das mulheres negras gritando pelo aborto? Dentro do Movimento Negro, quando do Primeiro Encontro de Mulheres Negras, a gente soube de reuniões em casas de alguns companheiros, com os homens dessas mulheres, onde ocorriam comentários do tipo: "Pô, tu vai deixar tua mulher ir pra esse encontro? Naquele encontro só tem sapatão. Aquelas mulheres vão querer comer nossas mulheres dentro do quarto." Alguns, inclusive, davam instruções para suas mulheres: "Cuidado, se aquela gorda chegar perto de você, sai correndo. Cuidado, não vai ao banheiro sozinha." Rolou esse tipo de preocupação. No encontro de Salvador não foi diferente. Os homens aqui no Rio de Janeiro ficaram enlouquecidos porque foram 300 mulheres para Salvador. Ficaram com medo das mulheres deles serem comidas. Como se as lésbicas não escolhessem, como se nós fôssemos iguais a eles, que absolutamente não escolhem as mulheres. Nós escolhemos com quais mulheres queremos ficar. Nós não saímos passando o rodo (gargalhadas) como eles fazem.

No que pesem essas dificuldades, as lésbicas negras se empoderaram, refletiram sobre o rumo do seu ativismo e estabeleceram metas. Uma dessas metas foi construir um lugar institucional no qual pudessem desenhar uma agenda própria sem ter que enfrentar, cotidianamente, o machismo e a homofobia. Na próxima seção discutiremos esse lugar.

Mulheres em Movimento

Tucker Farley (2002), narrando a invisibilidade das lésbicas no âmbito da *National Women's Studies Association*, afirma que a existência de um espaço para falar e ouvir é essencial para o desenvolvimento de identidades positivas e do sentimento de pertença. Para que tal espaço possa ser considerado propício à expressão das diferenças, ele deve ser estruturado de tal forma que não haja sanções contra aqueles que enunciam o que até então encontra-se interdito. Ela nos lembra que

Quando sentimos que não podemos falar alto e sermos ouvidos sem correr o risco de que as pessoas que são importantes para a sobrevivência da nossa identidade mudem o juízo que têm do nosso caráter ou da nossa reputação pública; quando não podemos confiar que esses outros vão nos ouvir com simpatia; quando a nossa experiência nos leva a presentir que as

Niterói, v. 8, n. 1, p. 71-98, 2. sem. 2007 85





GÊNERO

Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras

formas de entendimento dos outros são tão diferentes que podem conduzi-los a nos olhar com desprezo ou nos ver como loucos – então podemos nos tornar incapazes de falar.

O comentário de Farley reverbera com as análises e propostas de Richard Rorty sobre o progresso moral. Rorty defende a necessidade de ampliação dos espaços de deliberação e de criação de novas linguagens – e não somente palavras – capazes de nos auxiliar a aperfeiçoar a descrição de novos fenômenos assim como a redescricao daqueles que julgamos conhecidos. Essas linguagens não devem incidir somente sobre a nossa capacidade analítica, mas também atuarem como ferramentas capazes de nos sensibilizar para dores e sofrimentos em relação aos quais, até então, temos olhado com indiferença e mesmo com desprezo. Novas linguagens, assim, se prestam a desestabilizar concepções arraigadas e problematizar práticas coletivas e interpessoais que se reiteram ao longo dos anos.

A construção dessas novas linguagens, dentro da perspectiva pragmatista em que Rorty se situa, não objetiva produzir descrições mais acertadas do que as previamente existentes nem tampouco distinguir o “verdadeiro” do “falso”. Para ele, objetiva a produção de uma distinção entre práticas e descrições que ajudam ou obstaculizam a formação de comunidades mais inclusivas. Dito de outra forma, a produção de novas linguagens serve para ampliar o nosso senso de solidariedade o qual pode auxiliar na tarefa de

expandir nosso sentido da expressão “nós” tão longe quanto seja possível [...] extrapolar mais e mais em relação ao que foi estabelecido por eventos passados – a inclusão dentro do nosso nós da família da caverna ao lado, da tribo do outro lado do rio, da confederação de tribos situada além das montanhas, dos não-crentes de outros países (e, talvez, por último, dos “servos” que, todo esse tempo vêm fazendo o nosso trabalho pesado. [...] Nós devemos nos manter em estado de alerta em relação às pessoas marginalizadas – pessoas as quais nós ainda instintivamente pensamos como “eles” e não como “nos”. Nós devemos tentar observar aquilo de semelhante que temos com eles (RORTY, 1998, p. 196).

Contudo, a ampliação desse “sentido de nós”, referido na citação acima, depende da existência de condições para tanto. Uma das formas de gerar tais condições é um isolamento, ainda que temporário, que permita aos grupos marginalizados criarem seus próprios discursos, adquirirem força e produzirem autoridade semântica.⁹ Esse afastamento, por sua vez, requer também – diz Rorty, ao comentar parte da biografia da poeta lésbica Adrienne Rich –, que as pessoas se juntem

em grupos, em grupos exclusivos. Pois, se você quer elaborar uma história sobre quem você é – estabelecer uma identidade moral – que reduza a importância dos seus relacionamentos com um dado grupo de pessoas e aumente a importância dos seus relacionamentos com um outro grupo, a ausência física do primeiro grupo de pessoas pode ser exatamente aquilo que você necessita. Assim, o separatismo feminista pode de fato [...] ter pouco a ver com preferên-

⁹ A produção dessa autoridade requer que os indivíduos ouçam “as suas próprias afirmações como parte de uma prática compartilhada. Sem isso, uma dada pessoa jamais saberá se elas não passam de delírios ou se ela é uma heroína ou maníaca (RORTY, 1998, p. 223).





Regina Coeli Benedito dos Santos e João Bôsco Hora Góis

cia sexual ou com direitos civis, e muito mais com a possibilidade de facilitar para mulheres a tarefa de definirem a si mesmas em termos que no momento não estão disponíveis.

Sobre esse movimento de afastamento, esse “separatismo”, vale lembrar que ele também pode ser visto como potencialmente capaz de aumentar a coesão social, de integrar, de aproximar grupos antagônicos e de contribuir para a redefinição das certezas correntes. Rorty destaca essas possibilidades ao discutir o fato de que os agentes que controlam os discursos hegemônicos não são imunes às mudanças. É quando essas mudanças ocorrem, que a linguagem “falada pelos grupos separatistas pode gradualmente ser incorporada às tradições descritivas já existentes, redefinindo-as e redefinindo a si mesmas” (RORTY, 1998, p.132). Em alguma medida, as lésbicas ativistas acalentaram a esperança de poder redefinir a linguagem dominante que as descrevem e é a partir disso que devemos entender os seus esforços em criarem espaços próprios. É a partir disso que devemos entender a seguinte narrativa:

A gente hoje até consegue. Mas foi depois de muita luta. Não sem dor, não sem lágrimas, não sem muita luta. A gente hoje até consegue. Mas inicialmente a gente também tinha de sair até para o nosso ideário, para fazer o nosso vocabulário. Nós tínhamos também que saber o que nós queríamos. Foi super necessário esse grupo tomar uma distância dos dois outros movimentos e se perguntar: qual é a minha especificidade? O quê é que eu quero? Senão você acaba caindo sempre dentro das formas gerais dos movimentos. Então as lésbicas estavam dentro das causas gerais. Dentro do movimento negro, dentro das causas gerais do movimento negro. Então quando a gente faz um movimento de lésbicas e agora tem um mais específico ainda que é o de lésbicas negras, a gente vai buscar justamente isso: a especificidade, fazer o nosso ideário, fazer o nosso vocabulário e buscar as nossas especificidades. Depois a gente volta e joga lá dentro. Agora já é possível a gente voltar e quando tem a Conferência de Políticas para mulheres, as lésbicas estão lá. Eh! Bota orientação sexual aí dentro, eh! Bota raça aí dentro, entendeu? Agora já tem esse ideário e já tem esse movimento. Acho que o princípio é esse mesmo, dá uma fechada para a gente mesmo se conhecer e saber o que se quer.

Com as dificuldades encontradas e com a experiência de mobilização adquirida ao longo dos anos, elas partiram para a construção de espaços nos quais ser lésbica, negra e militante não fosse sinônimo de perigo.¹⁰

De saída, várias participaram da criação do CRIOLA, em 1992. A entidade sem fins lucrativos foi fundada e dirigida por afrodescendentes de diferentes orientações sexuais e *background* educacionais. O objetivo do CRIOLA, desde então, tem sido instrumentalizar mulheres, adolescentes e meninas negras para o combate ao racismo, ao sexismo, à homofobia, à lesbofobia e para a melhoria das suas condições de vida. Busca também contribuir para a inclusão dessas questões na agenda pública e para a montagem de estratégias para a sua superação.

¹⁰ Vale a pena destacar que algumas das militantes tinham uma história substantiva de envolvimento em movimentos sociais mesmo antes de participarem do Movimento Negro. Esse envolvimento certamente contribuiu para a acumulação de um capital importante para o movimento de criação de entidades autônomas do qual fizeram parte.



GÊNERO

Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras

A questão da orientação sexual das mulheres negras não se firmou como um tópico central da agenda do CRIOLA. Embora tenha sido a primeira organização de mulheres negras a implantar um projeto – o “Entre Elas” – explicitamente para lésbicas, ao longo da sua história não aprofundou ações voltadas especificamente para o homoerotismo feminino. Apesar disso, não é inapropriado dizer que esse projeto, estimulou a construção de outros grupos nos quais a questão da lesbianidade negra ocupa um lugar mais importante e para a qual ações de maior duração têm sido dirigidas. Um deles é o Centro de Documentação e Informação Coisa de Mulher - CEDOICOM.

O Centro de Documentação e Informação Coisa de Mulher – CEDOICOM

Então o principal trabalho era buscar as vozes das lésbicas. As lésbicas estavam caladas dentro do movimento negro, caladas dentro do movimento feminista, caladas em diversos segmentos, caladas dentro da igreja, dentro de vários e vários setores do movimento social organizado. Então, era buscar essas vozes e tirar essas vozes da invisibilidade.

O CEDOICOM é uma organização fundada em 4 de dezembro de 1994 na cidade do Rio de Janeiro por mulheres negras, assumidamente lésbicas, de diferentes profissões. A sua administração é feita por uma diretoria executiva e um conselho deliberativo compostos por mulheres eleitas, de dois em dois anos, por voto aberto. As assembleias, quando necessárias, são feitas, a pedido, e, no mínimo, uma vez por ano.

Com o intuito de assegurar maior transparência, o CEDOICOM agregou à sua estrutura organizativa mulheres negras de diferentes movimentos sociais, líderes comunitárias e lideranças acadêmicas. Um dos princípios básicos na escolha dessas mulheres é que estejam comprometidas com a defesa dos direitos humanos e da cidadania e a elevação da auto-estima das mulheres em situação de exclusão.

Inicialmente, as mulheres do Centro enfrentaram muitas barreiras. Não tinham estrutura mínima para começar a desenvolver atividades nem vislumbravam a chegada de aportes financeiros no futuro próximo. À moda do feminismo dos anos de 1970, começaram a fazer suas primeiras reuniões no apartamento de Neusa das Dores, uma das suas fundadoras, no bairro de Copacabana. Lá permaneceram por quase quatro anos. Em meados de 1998, elas alugaram uma sala no centro do Rio de Janeiro, cujo pagamento era sempre objeto de preocupação.

A mudança para um espaço mais adequado às necessidades do grupo se deu em 2000, quando conseguiram uma sala no hoje chamado Palácio das ONGs. A cessão da sala pelo governo do estado foi condicionada ao cumprimento de uma série de exigências de caráter legal, inclusive a comprovação de que tinham condições de reformá-la.

88 Niterói, v. 8, n. 1, p. 71-98, 2. sem. 2007





GÊNERO

Valendo-se da *expertise* acumulada ao longo de anos de militância, essas mulheres buscaram inserir o CEDOICOM nas redes internacionais de financiamento. Logo foram atendidas pela *Astraea Foundation* e *Mac Arthur Foundation*. As verbas recebidas foram gastas na reforma do espaço e na aquisição de equipamentos. Começava uma nova fase. Nela foram estabelecidas as áreas prioritárias de atuação – saúde integral da mulher; prevenção a DST/HIV/AIDS; capacitação profissional; assistência jurídica; orientação psicológica; direitos humanos da mulher; assessoria a grupos de mulheres; orientação sexual – e os projetos a serem implementados.

Não cabe uma análise particularizada de cada um dos projetos que compõem essas áreas. Contudo, a respeito deles, vale a pena sublinhar a preocupação com a elevação da auto-estima; o esforço de articulação com entidades comunitárias; a atenção com a instrumentalização para a cidadania e controle do corpo; o foco na família; o treinamento de diferentes atores profissionais; a preocupação com o combate a diferentes expressões da violência e a capacitação profissional. Além disso, o exame dos projetos do CODEICOM mostra como eles se dirigem a públicos-alvo os mais diferentes: mulheres negras pobres, lésbicas, encarceradas, recém-egressas do sistema penitenciário e meninas e adolescentes em situação de risco. Sobre isso, cabe indagar em que medida trata-se de uma deliberação estratégica fundada na percepção de que, por exemplo, não deve haver uma distinção muito rígida entre ações voltadas às mulheres negras em geral e as negras lésbicas em particular. Essa não é uma hipótese implausível haja vista o histórico de comprometimento e envolvimento das militantes do CEDOICOM com a defesa dos interesses do conjunto das afrodescendentes. Contudo, por outro lado, há indicações de que essa diversidade de público pode constituir uma reação adaptativa a um conjunto de angústias, expectativas e receios das militantes. Sobre esses receios, vale lembrar que no início do Centro a idéia da visibilidade das lésbicas negras não era uma unanimidade, ao menos no que diz respeito à extensão. A proposta do nome Coletivo de Lésbicas do RJ – COLERJ¹¹ – um dos seus principais projetos – criou dificuldades e embaraços entre as mulheres pois muitas delas consideravam “lésbica” uma palavra muito “pesada” e que “chamava muita atenção.”

A primeira dificuldade foi nossa. Em 1995, as mulheres queriam nomes como Meninas do Rio, Clube da Luluzinha, um nome assim que não demonstrasse o que elas eram. Eu e a falecida Beth insistíamos para lutar pela visibilidade. Como nós vamos lutar por visibilidade já com o nome nos ocultando?

A primeira luta do CEDOICOM foi, portanto, conquistar essas mulheres para que a questão da orientação sexual fosse explicitamente inscrita na agenda do gru-

¹¹ Neusa Santos diz ser comum a confusão na qual o COLERJ ainda é visto como uma instituição independente: “É bom não se confundir a ONG com o programa. [...] O COLERJ é um coletivo, um programa de Coisa de Mulher. O COLERJ foi fundado em 1995 como autônomo. Só que as mesmas pessoas dirigiam a Coisa de Mulher e o COLERJ. Em uma assembléia, eu e Beth falamos que não mais poderíamos levar duas instituições, mas elas não aceitaram assumir o Coletivo de Lésbicas. Chegou uma hora que o Coletivo estava maior que o Coisa de Mulher. Porque o Coletivo de Lésbicas surgiu como uma coisa nova. Foi o primeiro coletivo de lésbicas negras em uma cidade como o Rio de Janeiro”.





Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras

po. Relato de uma dirigente do Centro mostra que, contudo, esse esforço não foi plenamente recompensado.

Difícilmente, alguém vai saber que existe um programa com o nome de Coletivo de Lésbicas no Rio de Janeiro. Ao contrário, se você perguntar pelo COLERJ, a grande maioria irá dizer que conhece. O nome COLERJ, ou seja, a sigla, passou a ser conhecido para inviabilizar o nome lésbica.

Apesar disso, o CEDOICOM/COLERJ representa mais uma ruptura com o tabu e a falta de ações dirigidas às afrodescendentes lésbicas. Um outro esforço nessa direção vai ser dado pelo grupo Felipa de Sousa. Ali, a questão da visibilidade é central e, de acordo com os relatos disponíveis, assumida sem medo.

O Grupo de mulheres Felipa de Sousa

É, o movimento de lésbicas ele é muito interessante. Ele motiva muito, é uma motivação um pouco diferente do movimento negro. É óbvio que o mote é o mesmo, que é a discriminação, mas as questões são bastantes diferentes, porque a questão mexe com a sua essência. Com a sua essência, eu não estou dizendo que a questão racial não mexa com a sua essência, mas mexe com a sua essência mais íntima que é a sua sexualidade.

O Grupo de Mulheres Felipa de Sousa foi fundado em 2001, ano em que estava acontecendo, na África do Sul, a Conferência Internacional de Combate ao Racismo, Xenofobia e Outras Formas de Discriminações Correlatas. O seu nome homenageia uma mulher denunciada e condenada ao degredo pelo Tribunal do Santo Ofício em 1591-1592 por manter relações sexuais com outras mulheres.

O grupo foi formado por cerca de 40 mulheres as quais, inicialmente, dispunham de poucos recursos. O seu símbolo – a vassoura – representa um quesito importante da sua agenda: a autonomia para a tomada de decisões. É nesse sentido que a fala de uma das suas integrantes adquire inteligibilidade: “A gente vai para onde a gente quer, e se a gente quiser mudar a gente monta na vassoura e vai embora”. A importância de poder agir livremente é também expressa por uma outra entrevistada: “Uma das grandes bênçãos das Deusas foi a nossa autonomia”. Não é casual que a autonomia e liberdade constituam elementos tão importantes no discurso das militantes. Como lembra Monique Witting (apud CASTELLS, 1999, p. 234).

A recusa de se tornar heterossexual sempre significou a recusa da pessoa em ser homem ou mulher, conscientemente ou não. Para uma lésbica, isso é mais do que simplesmente se recusar a assumir um papel de “mulher”. É recusar o poder econômico, ideológico e político do homem. Somos evadidas de nossa classe, da mesma forma que os escravos fugitivos evadiam-se da escravidão e tornaram-se cidadãos livres





Regina Coeli Benedito dos Santos e João Bôsko Hora Góis

As militantes enfrentaram muitas dificuldades no início do grupo. Utilizando as redes sociais construídas ao longo das suas trajetórias e valendo-se da determinação em fazer o grupo funcionar, as mulheres do Felipa de Sousa conseguiram gradativamente superá-las.

O início dos trabalhos se deu na casa da sua atual coordenadora, a qual era pequena para comportar o volume de atividades e pessoas nelas envolvidas. Em uma parceria vitoriosa, passaram, em seguida, a compartilhar uma sala do Palácio das ONGs com o Programa Integrado de Marginalidade – PIM. Estão nela até hoje. Ao longo do tempo, outras parcerias com ONGs e órgãos governamentais foram construídas, permitindo a implementação de projetos – ligados a DST/AIDS, violência, mulheres surdas etc. – que fizeram com que o Felipa de Sousa fosse se tornando uma referência nacional em relação a alguns temas. Um deles é o Projeto Severina, que desenvolve atividades de cunho cultural e social com mulheres migrantes do nordeste e suas famílias. Esse projeto proporciona momentos de lazer através de teatro, dança, encontros para discutir o cotidiano, oficinas sobre DST/AIDS etc. Há outro projeto – O que elas levam no peito – que, por meio de exposição de camisetas, denuncia formas cotidianas de violência simbólica contra a mulher. Há ainda o projeto Cidadania e Lesbianidade que atua na formação de políticas para as lésbicas. Embora a questão da sexualidade seja tratada em todos os projetos, é no Espelho de mim – um projeto de prevenção de DST/AIDS – que ela é mais explorada. O projeto promove pequenos seminários, encontros e oficinas com lésbicas leigas e com técnicos da área de saúde, enfocando práticas de sexo mais seguro.

O Grupo não tem fins lucrativos e possui três coordenadoras – geral, executiva e financeira – e uma equipe de voluntárias que atuam como agentes comunitárias. Conta também com um Conselho Fiscal formado por pessoas de outras instituições parceiras.

As agentes comunitárias desenvolvem trabalhos em diferentes espaços – terreiros de candomblé, campos de futebol etc. – e junto a diferentes grupos – prostitutas, meninas próximas ao tráfico, mulheres em risco de marginalidade social etc. – organizando oficinas sobre material descartável e sexo seguro, além de palestras sobre DST/AIDS e consultorias para grupos de lésbicas de outros estados. Seu principal objetivo é a conscientização e a luta pela não discriminação das lésbicas e o respeito aos seus direitos humanos.

Assim como o CEDOICOM, o Felipa de Sousa também desenvolve ações que envolvem mulheres negras heterossexuais. Em relação àquele primeiro grupo, foi possível hipotetizar que esse fato pode fazer parte de uma estratégia deliberadamente montada para amenizar eventuais reações negativas a uma identidade tradicionalmente marginalizada que se explicita no espaço público. O mesmo não pode ser dito em relação ao segundo. Nele, a visibilidade é totalmente almejada e entendida como um dos objetivos institucionais. Essa diferença – matéria para investigação futura – pode estar relacionada ao modo como as distintas “identida-





Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras

des disponíveis” – mulher, negra, lésbica – foram diferentemente apropriadas pelos membros dos dois grupos. Se no primeiro, talvez, a raça ou sexo eram prioritários, no segundo parece que a orientação sexual assumiu a primazia. Isso fica claro nas falas abaixo.

A gente teve participação no movimento feminista, mas sempre como lésbica feminista. Nós não somos feministas e lésbicas. A nossa identidade é de lésbica e feminista, porque dentro do movimento feminista existe um número bem considerável de lésbicas. A militância delas é de feministas, e não de lésbicas, e a nossa não. Nós somos lésbicas, negras e feministas.

Dentro do movimento de mulheres negras, nos aproximamos no momento em que vimos que nas manifestações, nas comemorações, nós, lésbicas negras, não éramos contempladas. Embora muitas dirigentes componentes de instituições fossem lésbicas, eram negras lésbicas, e nós fomos para ocupar esse espaço como lésbicas negras. A nossa orientação sexual é o motivo de nossa militância. Em primeiro lugar, a nossa militância é pelos direitos das mulheres lésbicas. Podem ser mulheres negras portadoras ou não de deficiência, de classe social mais desfavorecida ou não, é como no movimento feminista.¹²

Considerações Finais

No Brasil, negros e mulheres constituem dois dos grupos sociais que foram e continuam a ser os mais atingidos por práticas discriminatórias que os colocam em um processo forçado e contínuo de luta pelo reconhecimento de seus direitos. Essas práticas recaem com peculiar intensidade sobre as lésbicas afrodescendentes, as quais materializam uma *otherness* que congrega “desvios” de gênero, raça e orientação sexual. Para entender a posição particularmente desfavorável dessas mulheres, devemos ter em conta que as relações sociais estão marcadas por desigualdades e por hierarquizações legitimadas pela pretensa superioridade do homem sobre a mulher, do masculino sobre o feminino, do heterossexual sobre o homossexual e do branco sobre o negro. Essa hierarquização contribui para a instituição e manutenção de diferentes formas de preconceito dirigidas às lésbicas afrodescendentes. As histórias de vida das mulheres militantes entrevistadas para essa pesquisa confirmam amplamente essa afirmação.

Dentro do movimento negro, elas assistiram à desqualificação das suas ações e competência política, menosprezo da sua capacidade de articulação e produção

¹² A busca, um quase calvário, das lésbicas por um lugar institucional é uma experiência presente em diferentes países. Nos Estados Unidos, por exemplo, são abundantes os registros de que elas encontraram dificuldades de inserção no movimento feminista, no qual freqüentemente eram vistas como causadoras de dissensões internas e um obstáculo ao avanço da luta pelo reconhecimento da igualdade de direitos entre homens e mulheres. Em situações como essa, a “questão lésbica” é até vista como importante, mas também como algo por demais controverso e que deve e pode esperar por uma conjuntura mais adequada para ser incorporada de forma consistente na sua agenda. Em várias situações dentro do movimento feminista até mesmo a sua própria presença física foi considerada indesejável, não surpreendentemente, dentre outras razões pelo já comentado medo da “sedução das mulheres heterossexuais” por parte das lesbianas. A situação de isolamento e invisibilidade, assim como no Brasil, se agravava quando se tratava de lésbicas negras.





de conhecimento, acusações de uso de sedução sexual como instrumento de arregimentação de apoios, etc. Ao buscar o exercício da cidadania plena num espaço que aparentemente favorecia esse exercício, colocaram-se em uma posição na qual tiveram de criar estratégias de convivência para continuarem sendo mulheres militantes, sem abrir mão do direito de viver sua sexualidade. Isto, contudo, não assegurou que a presença delas fosse desejada. Também não evitou que fossem invisibilizadas, nem que fossem criados mecanismos que dificultavam o diálogo sobre as suas demandas.¹³

Para as nossas entrevistadas, interagir e tentar reverter um cenário que lhes era extremamente desvantajoso implicou em rever alianças e, mais ainda, esperanças, em relação a um espaço que julgavam acolhedor e inclusivo. Implicou em revisitar a visão do movimento negro como um espaço de solidariedade no qual estariam protegidas contra a hostilidade e críticas pela não adesão à heterossexualidade compulsória tão bem definida por Adrienne Rich (1981), já que ali se depararam com um tipo de hostilidade que buscava silenciá-las e invisibilizá-las.¹⁴ Implicou, por fim, em produzir um discurso sobre uma identidade específica no qual raça, gênero e orientação sexual estavam presentes e competiam entre si pelo *status* de marcador identitário privilegiado. A produção, complexa e às vezes contraditória, desse discurso requereu um afastamento do movimento onde originalmente militavam e a busca de um espaço – físico, intelectual e afetivo – específico onde um ideário e um vocabulário próprios fossem gestados e a identidade em questão pudesse ser construída.

Castells (1999) destaca a existência de três tipos de identidade nas sociedades contemporâneas. A primeira é a chamada identidade legitimadora, a qual, elaborada pelas instituições dominantes da sociedade, atua com a finalidade de estender e racionalizar a dominação corrente sobre o conjunto dos atores sociais. A segunda é a *identidade de resistência*, produzida por atores sociais que se encontram em po-

¹³ Isso deixa evidente que o preconceito atravessa toda a nossa sociedade, mesmo os espaços que se constituem para o combate a discriminações específicas. Sobre isso, Borges, Medeiros e D'adesky (2002, p. 53) afirmam: Os preconceitos fazem parte de nosso processo de socialização, e é extremamente difícil erradicá-los do pensamento, pois a perspectiva crítica exige mais esforço do que a simples aceitação de idéias falsas, mas às quais estamos acostumados e que nos favorecem. Além disso, os preconceitos estão enraizados em todas as culturas, balizando as relações que cada uma delas estabelece com as outras e, muitas vezes, justificando o tratamento desigual e a discriminação de indivíduos e grupos". Cabe também lembrar que o preconceito é constantemente reinventado e renomeado entre nós, expressando-se – muitas vezes, sutilmente e carregado de ambigüidades – de forma plural no campo simbólico e das práticas sociais. Entender a complexidade desse movimento é condição imprescindível para combatê-lo na perspectiva da construção de uma sociedade em que os direitos à diferença possam ser respeitados. É imprescindível também que ele seja combatido no nível das mentalidades e das atuações concretas. É isso que as mulheres lésbicas e negras têm tentado fazer.

¹⁴ Matéria para outras investigações, vale destacar que as lésbicas negras também enfrentavam dificuldades de relacionamento com as mulheres heterossexuais do M.N. tanto por questões de agenda política como por questões de aceitação da homossexualidade e de receio de uma "contaminação moral". Referindo-se a esse último elemento uma das entrevistadas diz: "Não é porque todas elas eram mulheres e negras [que] eram todas iguais. Agora eu percebi que essas mulheres [lésbicas] assustavam tanto aos homens quanto às mulheres de orientação hetero. Eu acho que as mulheres de orientação sexual lésbica elas assustavam os dois lados, percebe. E eram estigmatizadas pelos dois lados. [...] Eu acho que a assunção e o empoderamento dessas mulheres dentro do movimento assustou essas mulheres hetero que tinham um certo receio de se contaminar, não digo com a práxis, mas talvez com a fama. Porque de repente, sabe essa coisa, se eu sou também do movimento de mulheres negras e têm muitas sapatonas vão pensar que eu também [sou]". O mesmo silêncio e indisposição para um debate sobre a sexualidade, seja ela qual fosse, é referido pelos homens militantes do M.N.





GÊNERO

Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras

sições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica dominante e que buscam reverter os desequilíbrios de poder aí presentes. Claramente, as lésbicas negras militantes trabalharam para forjar uma identidade desse tipo, de modo que a opressão sofrida pudesse se transformar em possibilidade de viver em liberdade. Contudo, o esforço delas não se limitou ou não buscou se limitar a isso. Com efeito, tentaram avançar em direção à produção de um outro tipo de identidade – a denominada por Castells de identidade de projeto e por ele definida como aquela voltada tanto para produzir mudanças na posição subalterna de um dado grupo, quanto para contribuir para o redesenho do espaço social no qual se insere. No caso aqui em estudo, a contribuição em questão pode ser identificada no esforço que elas fizeram de introduzir colorações analíticas em um ambiente política e intelectualmente marcadamente monocromático.

Um último comentário. Reiteramos ao longo desse escrito que a constituição de um movimento lésbico negro pode ser debitado ao machismo e homofobia do M.N. Contudo, esse não era o único lugar onde as nossas entrevistadas se sentiam rechaçadas. Uma situação semelhante de silêncio e discriminação era encontrada em outros movimentos sociais, tornando o mundo da militância política áspero e doloroso para as mulheres que se identificavam como negras e lésbicas.

O movimento feminista, por exemplo, não se apresentava para elas como um espaço acolhedor. Tal movimento alcançou uma visibilidade significativa nas últimas décadas, visibilidade essa produzida pelas demandas que apresentou e pelas conquistas que obteve. Contudo, por um longo tempo, ele esteve atrelado a uma visão eurocentrista e universalizante. Isso gerou, dentre outras conseqüências, uma enorme dificuldade de reconhecer as diferenças – de raça, classe social e orientação sexual, por exemplo – que permeavam o universo feminino (CALDWELL, 2007; FOX-GENEVOSE, 1992; ZAMANI, 2003).¹⁵ Daí porque não é surpreendente que as lésbicas aqui entrevistadas tenham se referido, com freqüência, à existência de dificuldades de incluir suas demandas específicas na agenda do movimento feminista.¹⁶ Por muito tempo,

¹⁵ Essa parece ser uma situação presente em diferentes espaços de diferentes países. Mesmo em associações acadêmicas, como a americana National Women's Studies Association, voltadas para o estudo da condição feminina, as mulheres negras e lésbicas tiveram de estabelecer estratégias e entrar em confrontos em torno do reconhecimento das suas especificidades e da divisão de poder com as mulheres brancas heterossexuais. Neste caso, assim como em vários outros, o ideal da unidade da luta foi um forte argumento utilizado para a manutenção do *status quo* e para o adiamento das discussões sobre as diferenças entre as mulheres. (FARLEY, 2002; VAN DYKE, 2002)

¹⁶ Entrevista realizada com uma mulher branca, que vem participando do movimento feminista desde os anos de 1970, sugere que as dificuldades de trabalhar com as diferentes orientações sexuais não se manifestavam apenas em relação a lésbicas negras. Tratava-se, sim, de um problema mais profundo derivado das limitações de entendimento sobre e da incorporação na agenda feminista do debate e necessidades das sexualidades não-normativas. Isso obviamente não implica dizer que a existência do lesbianismo fosse desconhecida, mas sim, que ele não era visto como algo cuja importância merecesse maior atenção; era algo que poderia estar presente dentro do movimento, mas tratado de forma isolada, como um objeto pertencente a pessoas específicas e não ao coletivo. Referindo-se a uma organização feminista de São Paulo, a entrevistada disse: "E aí eu comecei a ter uma história com uma mulher [...] que não era da minha organização, mas era de um grupo de mulheres lésbicas de São Paulo. E nesta minha organização quando ia se ter alguma atividade pelo grupo de mulheres lésbicas elas [as feministas heterossexuais] costumavam dizer assim: 'Ah [...] você poderia nos representar pelo pessoal da sua turma, que você tem uma relação mais próxima'. Eram incapazes de pronunciar o nome das





Regina Coeli Benedito dos Santos e João Bôsco Hora Góis

estiveram sozinhas quando levantavam as mãos para afirmar que tinham realidade distinta, e que sofriam discriminações e preconceitos outros que os sofridos pelas mulheres brancas, como a falta de saneamento e de creche para seus filhos. A isso, adicionam a reclamação da assimetria no exercício da solidariedade entre negras e brancas, com uma clara desvantagem para as primeiras.

A gente ainda vê que, em muitas das lutas das feministas, as mulheres negras estão juntas, mas em muitas das lutas das mulheres negras, as feministas não estão juntas. Por exemplo, agora quando se pautam as cotas. Cadê o movimento feminista junto com as mulheres negras? A gente percebe que as coisas ainda não engrenam bem.

Passados mais de 15 anos do que poderíamos chamar de uma diáspora das militantes lésbicas afrodescendentes, as dificuldades de aceitação do ativismo delas ainda não foram superadas em diversos lugares. Mesmo hoje, ele é cercado por desconfianças e descaso por parte de entidades as mais diversas. Elas não negam a existência de avanços, mas os pensam como parte de uma assimilação quase forçada, resultante das demandas impostas por agências financiadoras de projetos. Um resumo desse diagnóstico pode ser visto na fala de uma das entrevistadas quando se refere ao movimento feminista e às entidades que compõem o mundo do chamado terceiro setor, no que toca ao modo como lidam com o debate sobre orientação sexual.

o fato de colocar no papel na verdade não [significa que] está na agenda e na verdade não está colocado nas mentes e nos corações e nos propósitos mesmos. Muitas das vezes colocam porque são obrigados a colocar nos projetos, porque hoje as fontes de financiamento exigem. [...] Então, hoje eles colocam mais no projeto, mas isso não quer dizer ainda que esteja uma coisa assumida. [...] Na conferência de Durban quantos gays, quantas lésbicas foram representando o Brasil, como gays e lésbicas? Quantos travestis foram? Nenhum (riso). Transgênero, você viu? Nenhum. Quantos foram representando o Brasil. Na verdade, eles pegaram um único gay, numa representação de mais de trezentas pessoas, representando tudo: gay, lésbica, travesti, transgênero.

O fato das lésbicas afrodescendentes brasileiras também terem sido indesejadas no movimento feminista branco, no Movimento Negro e em outras formas de organização da sociedade civil contribui para dar uma dimensão mais clara da dramaticidade da sua busca por legitimidade. Entender como isso se deu é uma questão importante para um maior e melhor conhecimento da dinâmica das lutas das mulheres no Brasil, das suas organizações, da irmandade e das interseções entre raça, orientação sexual e classe social. Esperamos que este trabalho contribua com esse conhecimento e que ele possa estimular estudos que ajudem a aprofundar essa discussão.

lésbicas, do nome do grupo. É como se fosse assim como você tem o mesmo da mesma laia, então é você que vai representar a nossa instituição nessa organização. Eu acho que foi internamente a dificuldade porque nunca a questão da sexualidade foi discutida nessa organização que eu fiz parte".



GÊNERO

Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras

Abstract: *This article aims at examining the creation of black-lesbian organizations in Rio de Janeiro, Brazil. Drawing from different sources, it argues that such organizations were created due to solidarity ties created among many lesbians who were active in the Brazilian black movement and the lack of space and prejudice they faced in it.*

Keywords: *race; lesbians; sexuality; social movements.*

(Recebido em setembro de 2007 e aceito para publicação em outubro de 2007).

Referências

- BARBOSA, L. *O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual do que os outros*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BASTOS, N. de S. Perdão, meu capitão, eu sou gente para mais além do meu sexo. *Gênero*, Niterói, v. 8, n. 2, 2007. No prelo.
- BORGES, E.; MEDEIROS, C.A.; D'ADESKY, J. *Racismo, preconceito e intolerância*. São Paulo: Atual, 2002.
- BRAUKMAN, S. Nothing else matters but sex: cold war narratives of deviance and the search for lesbian teachers in Florida, 1959-1963. *Feminist Studies*, Maryland, v. 27, n. 3, 2001.
- BRAY, A. The perversion of 'lesbian' desire by Valerie Tumb. Introduction by Alan Bray. *History Workshop Journal*, Oxford, n. 41, 1996.
- CALDWELL, K.L. Fronteira da diferença: raça e mulher no Brasil. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2000.
- CARDOSO, M. *Movimento negro*. Belo Horizonte: Mazza, 2002.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- CUNHA, A.L. S da. Obsceno: a homossexualidade fora de cena. In: LOPES, D. et al. (Org.). *Imagem e diversidade sexual: estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa, 2004.
- DOMINGUES, P. Fretenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 28, 2007.
- FARLEY, T. Speaking, silence, and shifting listening space: the NWSA lesbian caucus in the early years. *NWSA Journal*, [S.l.], v. 14, n.1, 2002.
- GIBSON, R. Coverage of gay males, lesbians in newspapers lifestyle sections. *Newspaper Research Journal*, [S.l.], v. 25, n. 3, 2004.
- GARRIDO, H.B.; SCHWARTZ, A G. Las mujeres em las organizaciones armadas de los 70: la militancia en Montoneros. *Gênero*, Niterói, v.8, n.2, 2007. No prelo.





Regina Coeli Benedito dos Santos e João Bôsco Hora Góis

GÓIS, J. B. H. Lésbicas na Folha de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 8., 2002, Juiz de Fora. *Anais...* Niterói : ABEPS, 2002.

_____. et al. Assistentes sociais da área da saúde e o homoerotismo: um estudo de representações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE COLETIVA, 7., 2003, Brasília, DF. *Anais...* Brasília, DF: ABRASCO, 2003.

GOMES, F. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

GREEN, J.N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

HANCHARD, G. *Orfeu e o poder: movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

HOLLIBAUGH, A. Seducing women into "A lifestyle of vaginal fisting": lesbian sex gets virtually dangerous. In: DANGEROUS BEDFELLOWS (Ed.). *Policing public sex: queer politics and the future of AIDS activism*. Boston: South End Press, 1997.

JENKINS, T. "Potential lesbians at two o'clock": the heterosexualization of lesbianism in the recent teen film. *The Journal of Popular Culture*, [S.l.], v. 38, n. 3, 2005.

KENDALL, C.N. Lesbian and gay refugees in Australia: now that "acting discreetly" is no longer an option, will equality be forthcoming? *International Journal of Refugee Law*, [S.l.], col. 15, n. 4, 2003.

LEWIS, G.B. Barriers to security clearances for gay men and lesbians: fear of blackmail or fear of homosexuals? *Journal of Public Administration Research and Theory*, Lawrence, v. 11, n. 4, 2001.

LARCHER, M. Beijos entre amigas. In: LOPES, D. et al. (Org.). *Imagem e diversidade sexual: estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa, 2004.

LORD, C. Minor eruptions. Lesbian accused of promoting pedophilia. *Radical Teacher*, [S.l.], n. 66, 2003.

MELO, M.E. I. Guerrilleras en Colombia: participación política e transgresiones del modelo de feminidad. *Gênero*, Niterói, v. 8, n. 2, 2007. No prelo.

MORENO, A. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: FUNARTE-EDUFF, 2001.

MOURA, C. *As raízes do protesto negro*. São Paulo: Global, 1989.

RICH, A. *Compulsory heterosexuality and lesbian existence*. Boston: Onlywomen Press, 1981.

RORTY, R. Feminism and pragmatism. In: _____. *Truth and progress*. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1998. (Philosophical papers, v. 3)

SOIHET, R. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, 2005.

URRAZAGA, T. De victimas a protagonistas. Empoderamiento Feminista en Tres Militantes del MIR. *Gênero*, Niterói, v. 8, n. 2, 2007. No prelo.

VAN DYKE, A. Identity politics in NSW: memoirs of a Lesbian Caucus Chair. *NWSA Journal*, [S.l.], v. 14, n. 1, 2002



GÊNERO

Gênero, raça e solidariedade: um estudo da organização política de lésbicas negras

VVAA. *Relatório Final do II Encontro Nacional de Mulheres Negras*. Salvador: [s.n.], 1991.

ZAMANI, E.M. African american women in higher education. *New Directions for Students Services*, [S.l.], n. 104, winter 2003.

